



ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa
Catarina
Brasil

Rabelo Andrade, Raquel; Pereira, Livia
Uniforme escolar infantil: seu posicionamento na identificação dos gêneros
ModaPalavra e-periódico, núm. 12, julio-diciembre, 2013, pp. 141-155
Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514051625009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uniforme escolar infantil: seu posicionamento na identificação dos gêneros
Children's School uniform: their position on the identification of the genders

Raquel Rabelo Andrade

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
raquel_andrade00@yahoo.com.br

Livia Pereira

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
lilimarsari@hotmail.com

Resumo

O uniforme escolar faz parte do cotidiano de crianças estudantes brasileiras desde meados do século XX e ainda hoje continua sendo um artefato amplamente utilizado, tanto por escolas públicas como particulares. Desse modo, algumas considerações e análises podem ser feitas em relação à representação e identificação dos gêneros no uniforme a fim de se verificar sua contribuição na constituição das identidades. Nesse sentido, este estudo busca investigar, por meio de pesquisa bibliográfica e análise imagética, a relação que se estabelece entre a identificação dos gêneros e os uniformes escolares infantis, desde seu advento até a atualidade.

Palavras chave: infância, uniforme escolar, identificação dos gêneros.

Abstract

The school uniform is part of brazilian students routine since the mid-nineteenth century, and still remains a widely used device by both public and private schools. Therefore, some considerations and analysis could be made in relation to the representation and identification of the genera in uniform in order to examine their contribution in the constitution of gender identities. Thus, this study identifies, through a literature search and by an analysis of images, the relationship established between the identification of child gender and school uniforms since its advent to the present.

Key words: Childhood, school uniforms, identification of the genera.

Introdução

O vestuário é compreendido e apresentado por historiadores, sociólogos e filósofos como um espelho que reflete a sociedade a que pertence. O vestir-se compreende uma conjunção de sentidos que se configura como um dinâmico canal de comunicação e como um suporte que transmite mensagens e comunica.

A linguagem dos produtos de moda permite que se identifique, além de traços da personalidade das pessoas, as identidades de gênero. O vestuário, em sua maioria, coloca-se como um instrumento de manutenção dos discursos do que é ser

homem e mulher, pois, conforme Teófilo (2010, p.58), “Não há hipótese de dúvidas de que homens e mulheres se vestem de acordo com o gênero que lhes foi atribuído.”

Desta forma, o vestuário divide-se em peças femininas e masculinas, de modo a salientar as diferenças entre os sexos. Essa dicotomia se estabelece ainda antes do nascimento de uma criança, pois, embora as peças para crianças sejam parecidas no que diz respeito aos tecidos e detalhes, cores, estampas e modelagens diferenciam-se em relação ao sexo, o que contribui para a manutenção da identidade dos gêneros. O vestuário, portanto, serve como instrumento facilitador da identificação do sexo e da interação social, além de reforçar os códigos de conduta definidos pela sociedade.

Os uniformes escolares infantis configuram-se como peças do vestuário que acompanham as crianças em grande parte de seu dia e no decorrer de seu crescimento. Esta categoria de fardamentos surgiu em meados do século XVI e sofreu alterações significativas no decorrer dos anos. Inicialmente, os uniformes seguiam, obrigatoriamente, os moldes do vestuário para mulheres e homens, com modelagens e detalhes inerentes a cada gênero, conforme as especificações preconizadas pela sociedade.

Atualmente, porém, essa diferenciação dos modelos com base na dicotomia dos gêneros não é mais forçada, pois existem peças iguais para os dois sexos, bem como, algumas opções de peças específicas para meninos e meninas.

Neste contexto, este estudo tem como objetivo investigar a relação estabelecida entre a identificação dos gêneros e os uniformes escolares infantis, desde sua criação até a atualidade.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre temas como: uniformes escolares, a comunicação por meio do vestuário e a identificação dos gêneros. A partir do referencial teórico, foi efetuada uma leitura de imagens selecionadas da obra de Lonza (2005), que foram examinadas, neste trabalho, como documentos históricos, ou seja, como evidências empíricas, por meio das quais se buscou demonstrar de que modo as políticas de gênero repercutem na evolução dos uniformes escolares.

Desenvolvimento

a) Vestuário e comunicação

O corpo funciona como veículo de comunicação. Gestos, expressões, pequenos detalhes e até a escolha das roupas produzem sentido e comunicam. O corpo é o suporte ideal, pois, ao receber a roupa, começa a significar-se. O ato de vestir embute uma conjunção de sentidos que vai muito além do que o próprio vestuário quer dizer.

A indumentária, ao cobrir o corpo, também transmite informações e se configura como um portador de signos que busca, em si mesmo, o objeto da

comunicação, tornando-se uma linguagem, uma forma de diálogo. Bernard (2003, p.52) afirma que “uma roupa, um item de moda ou indumentária, seria o meio ou canal pelo qual uma pessoa “diria” uma coisa a outra”. Desta forma, as peças de roupa são entendidas como um dinâmico canal de comunicação e como um suporte que transmite mensagens e comunica, não apenas sobre o indivíduo que as vestem, como também, sobre a sociedade que as produziu. As peças carregam informações que abrangem aspectos geográficos, antropológicos, econômicos, históricos e culturais relativos ao ambiente social e a elementos mentais, emocionais e psicológicos.

Caldas (1999) ressalta que, a partir de produtos do vestuário, muito se pode interpretar sobre o portador dos mesmos e sobre seu meio social. Isso ocorre porque cada indivíduo escolhe e consome produtos de forma a construir uma aparência que seja a expressão de sua personalidade. Nesse sentido, Eco (1975) afirma que a linguagem dos produtos de moda permite, também, que sejam identificadas posições ideológicas, identidades de gênero e classe e a cultura em que a peça está inserida, além de traços da personalidade individual. Assim, o vestuário caracteriza-se como um dos mais poderosos signos, pois é utilizado tanto para a comunicação pessoal como para a comunicação social.

A construção dos significados por meio do traje ocorre a partir da concepção do *design* e dos elementos que compõem cada peça do vestuário, tais como: tecido, cor, modelagem, acessórios, formas, linhas, volumes, texturas, imagens e até textos que podem ser inseridos na mesma.

Silva (2001, p.82) assinala que a indumentária “apresenta também um plano de representação e significação, então podemos afirmar que o vestuário constitui-se também como linguagem, estando, portanto, apto a cumprir uma função de comunicação”. Esta função, inclusive, é a grande responsável pela diferenciação entre o que se considera como um produto de vestuário ou de moda.

Entende-se como artigo de moda os produtos concebidos com valor agregado de moda, que embutem as tendências sazonais vigentes, arraigadas na dinâmica de consumo temporal, gerada pelo fenômeno intitulado “moda” (BARROS; NEVES; SÓTER, 2008).

Neste contexto, ao se analisar, de forma mais específica, o segmento dos uniformes escolares, percebe-se que, embora este constitua um nicho da indústria do vestuário considerado como antimoda por muitos autores, devido à sua ênfase na continuidade e na rejeição ao efêmero, quando se avalia sua evolução desde seu advento, o mesmo funciona como uma espécie de “imagem identitária” de alguns períodos. Isto é evidente, pois, assim como as demais peças da indumentária, o fardamento escolar adequa-se aos costumes, às tradições e à realidade do momento, expressando os novos comportamentos.

Assim, embora as transformações dos uniformes escolares tenham ocorrido em um processo bastante lento, quando comparadas à de outros produtos de moda, estes

também podem ser apreendidos como um reflexo da sociedade, ou seja, como um veículo de comunicação e um instrumento de reforço da identidade e do gênero.

b) A infância e a identificação dos gêneros por meio do vestuário

No momento do nascimento de uma criança, ou mesmo antes, as diferenças sexuais são expressas por meio de afirmações: "é um menino" ou "é uma menina". Essas diferenciações configuram uma complexidade de processos de natureza genética, biológica, psicológica e social, de acordo com a categorização mais básica e primária da sociedade. Nesse sentido, Marques afirma:

É seguro que, desde o momento em que somos sabidos como um ser com sexo biologicamente definido, começamos a ser socializados/as para nos tornarmos o que se espera que sejamos, de acordo com o sexo que temos inscrito no corpo. A nossa chegada já está tudo preparado para nos receber como um forte rapagão ou como uma linda menina (MARQUES, 2004, p. 14).

A categorização de gênero, ou seja, a repartição dos indivíduos nas categorias sociais homem e mulher, tem como base as características físicas, psicológicas e, principalmente, comportamentais das pessoas. O conceito de gênero reforça o caráter sociocultural da diferenciação entre os seres, que são reconhecidos por traços comuns que os identificam como pertencentes a um determinado grupo. Neste contexto, diversos autores desenvolveram estudos sobre questões que envolvem o significado e a abrangência do termo gênero.

Louro (1997, p. 77) explica que gênero é o “modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Já para Scott (1995, p. 75), “o termo “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.”

Entende-se, desse modo, que o gênero é um conceito que foi construído socialmente ao longo dos tempos. Desta forma, as crianças passam por um complexo e multidimensional processo de aprendizagem sociocultural, que se desenvolve em diversos âmbitos do relacionamento social em que estão inseridas - família, escola e sociedade em geral - para se tornarem aquilo que a sociedade acredita ser relativo à natureza feminina ou masculina.

Existe, assim, uma construção social daquilo que é ser mulher e ser homem para cada cultura e para cada época. Para Teófilo (2010), o que se considera como essência feminina ou masculina nada mais é do que aquilo que a sociedade acredita ser o correto e único modelo possível de ser reproduzido.

Algumas características associadas e preconizadas como próprias das mulheres, ao longo dos tempos, são: fragilidade, doçura, maternidade, passividade,

romantismo e ligação à beleza e ao supérfluo. O mesmo raciocínio pode ser aplicado à essência masculina, que implica: independência, racionalidade, força, sabedoria e espírito empreendedor; características que têm sido, tradicionalmente, reafirmadas.

Essas diferenças são engendradas nas crianças, pouco a pouco, por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, com as outras crianças, com a televisão e nas brincadeiras.

Esta educação dicotômica em função do sexo e das referências de comportamento de cada gênero também se reflete no vestuário. As definições das peças de roupa, independente de serem justificáveis ou não, foram impostas pela sociedade como um instrumento facilitador da interação social.

Na atualidade, essa convenção não se coloca de forma tão imperiosa e óbvia como ocorreu em outras épocas. É possível observar que há indivíduos que se vestem de um determinado modo, mas não se comportam de acordo com as regras que essa roupa representa. Essa situação, porém, ainda não é muito representativa, pois a distinção do vestuário como reforço da identidade de gênero ainda prevalece: “Numa relação entre um homem e uma mulher é suposto que cada um se vista em consonância com o seu gênero” (TEÓFILO, 2004, p.35).

Essa discriminação de roupas segundo o gênero inicia-se com a preparação para o nascimento de uma criança. Nesse sentido, Dutra salienta que:

Desde a mais tenra infância meninos e meninas vão sendo diferenciados pelo artifício das roupas e sendo ensinados sobre a forma adequada como cada sexo deve se vestir. As meninas são vestidas com roupas em tons de rosa ou amarelo, com estampas florais ou de animais domésticos, podendo ter enfeites colocados na cabeça (laços) ou nas orelhas (brincos). Já os meninos são vestidos de azul com estampas de bolas de futebol ou de animais selvagens, como leões ou tigres. Enfeites são impensáveis. Esse processo se estende por toda a infância e adolescência [...] (DUTRA, 2002, p.362)

Nessa situação, o vestuário serve como instrumento facilitador da identificação do sexo e da interação social, além de reforçar os códigos de conduta definidos pela sociedade. Embora o comportamento e os traços físicos de crianças entre um e cinco anos sejam muito parecidos e as roupas, nesta fase, muitas vezes, idênticas, quanto aos moldes e aos tecidos, numa forma de reconhecimento de que seus corpos são semelhantes. Segundo Lurie (1997), as cores, modelagens, estampas e acessórios, entretanto, diferem de acordo com os sexos.

O vestuário, desse modo, coloca-se como um instrumento afirmador das diferenças biológicas entre os dois sexos, transpondo-se para uma perspectiva de diferenciação dos gêneros. Teófilo (2010, p.36) explica que “assiste-se a uma instrumentalização do vestuário com intuito de cumprir a manutenção dos papéis a que a criança se deve submeter, em conformidade com o sexo que lhe foi gravado no corpo”.

Embora a identificação dos gêneros ainda seja bastante palpável no universo infantil, durante a maior parte da história da humanidade, esta se manifestava como uma questão tão intrínseca ao vestuário, que, ao abandonar a infância, o indivíduo mantinha a diferenciação de forma visível em suas vestes. Desta forma, o vestuário feminino, por muito tempo, foi desenhado para sugerir, necessariamente, delicadeza e feminilidade. Vestidos e saias foram concebidos, historicamente, como vestes apropriadas às mulheres e, geralmente, sublinhavam contornos arredondados e enfatizavam o quadril e o traseiro, por meio da colocação estratégica de franzidos e babados (LURIE, 1997).

O vestuário masculino, por outro lado, era projetado para indicar domínio físico e/ou social. Calças, golas e cortes largos e folgados eram características tradicionais das roupas masculinas, pois sugerem liberdade de movimento para o trabalho.

Assim, essas concepções dos papéis e das representações pré-estabelecidas dos gêneros também influenciaram a evolução dos uniformes escolares, que apresentam modelos e padrões específicos para meninos e meninas, ao longo dos tempos.

c) O uniforme escolar infantil e a identificação de gêneros

Os uniformes escolares surgiram em Londres, em meados do século XVI. Segundo Craik (2003), a responsável por sua criação foi a **Christ's Hospital School**, escola inglesa bastante tradicional.

No Brasil, os uniformes escolares fazem parte do cotidiano de estudantes desde meados do século XIX e, a partir de então, tiveram inúmeras funções, como identificar e padronizar alunos, demonstrar *status* e servir como fator de segurança e disciplina, já que inibem o mau comportamento.

Estas justificativas incluem a proteção da saúde e a segurança dos alunos, além de minimizar indicadores sociais de classe e criar coesão e uniformidade por meio de uma política da vestimenta.

Até o final do século XVI, havia o costume de vestir as crianças, tanto meninos como meninas, com o mesmo tipo de vestuário destinado aos adultos. No século seguinte, quando os primeiros meninos passaram a frequentar a escola, ocorre uma transformação na indumentária infantil:

A partir de um certo período (...), e, de certa forma definitiva e imperativa a partir do século XVII, uma mudança considerável alterou o estado de coisas que acabo de analisar. Podemos compreendê-la a partir de duas abordagens distintas. A Escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a Escola, o Colégio (ARIÉS, 1981, p. 11).

Percebe-se, neste caso, que a mudança na vestimenta decorre de uma transformação no cotidiano das crianças, fato similar ao que ocorre com grande parte dos produtos lançados pela indústria de moda, que, usualmente, reflete o contexto social do usuário de determinado produto do vestuário.

Concomitantemente ao surgimento do sistema escolar, foram criados artefatos que visavam a auxiliar a introdução de regras de disciplina na vida dos alunos, pois os livros, as carteiras escolares, o próprio uniforme, entre outros, funcionam como elementos destinados à ação ordenadora das normas de cada instituição sobre os estudantes.

O uniforme surgiu, também, pela evidente necessidade de proporcionar aos estudantes uma vestimenta mais adequada ao seu cotidiano escolar, de modo a superar os trajes anteriores – similares aos utilizados pelos adultos, como vestidos longos ou calças ajustadas – que dificultavam o desenvolvimento de atividades promovidas pela escola.

Neste sentido, o advento dos uniformes escolares funcionou como um grande avanço para o setor do vestuário infantil, ainda que por motivações diferentes e em escalas de tempo variadas para os sexos. Conforme Ariès (1981, p. 81), o “sentimento da infância que beneficiou primeiro os meninos, foi muito em função de liberá-los de uma feminização, enquanto as meninas foram confundidas por muito mais tempo com as mulheres adultas”.

Este fato pode ser percebido na descrição do modelo dos primeiros uniformes, ou seja, os desenvolvidos pelo *Crist's Hospital School*:

O uniforme do *Christ's Hospital* tinha como característica botões prateados no casaco, um cinto estreito em couro, meias amarelas e uma camisa larga sem colarinho. Os uniformes foram desenhados para produzir certos tipos de estudantes. Esperava-se que os meninos com casacos azuis exibissem humildade como também agilidade e graça ao usar essas roupas incômodas (CRAIK, 2003, p. 14).

Ao se analisar a descrição acima, percebe-se que o uniforme em questão, devido às cores, modelagens e acessórios utilizados, além de comunicador determinados valores e predicados, pode ser interpretado como um reforço do papel do homem na sociedade. O primeiro e mais importante recurso utilizado foi a seleção das cores, numa nítida intenção de causar impacto e enaltecer as distinções de gênero. Nesse sentido, Lurie (1997) explica que tons de azul, na cultura ocidental, são, usualmente, associados ao trabalho, e o dourado e o amarelo expressam sentimentos de riqueza e poder. De modo geral, as escolhas referentes ao modelo do primeiro uniforme escolar traziam noções fixas de identidade de gênero e de papéis sociais.

No Brasil, a primeira escola a adotar uniforme foi o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, por volta de 1850. Os modelos criados por esta escola, assim como os de tantas outras que adotaram o fardamento escolar nesse mesmo período, derivaram de outros uniformes já instituídos, como, por exemplo, as fardas militares ou as batinas dos padres.

Ao se examinar os uniformes deste colégio, pode-se apreender certa austeridade no tom das vestes. Lurie (1997), em uma análise sobre os significados embutidos no vestuário masculino, afirma que, ao longo dos anos, este sempre foi projetado para sugerir domínio, razão e sabedoria. A autora lembra, ainda, que, tradicionalmente, as roupas masculinas não sofreram muitas variações ao longo dos séculos, pois o objetivo sempre foi alargar o corpo por meio de calças, camisas ou paletós, em cores fortes, com formas retangulares e extremidades pronunciadas, como bem se pode notar no fardamento da Figura 1.

Figura 1: Desenhos dos uniformes de gala do Colégio Pedro II, em 1855.

Fonte: Lonza (2005)

Embora o número de mulheres que frequentavam escolas fosse bem menos expressivo do que o de homens, os colégios femininos também passaram a adotar uniformes. O Colégio Sion, inaugurado no começo do século XX, em Petrópolis, possuía um modelo de uniforme derivado do padrão adotado pelas escolas francesas. Este uniforme exibía uma identificação do colégio, na própria peça, de modo a evidenciar que quem os usava estava aprendendo etiqueta e boas maneiras à francesa. Esses aprendizados, tradicionalmente, estavam associados e eram considerados necessários às mulheres, principalmente as de boa família. A Figura 2 apresenta os uniformes diários utilizados no Colégio Nossa Senhora do Sion.

Figura 2: Alunas do Colégio Nossa Senhora do Sion com uniforme.

Fonte: Lonza (2005)

Ao comparar fotografias e depoimentos de ex-alunas do Colégio *Des Oiseaux*, escola confessional feminina privada, instalada na capital paulista em 1907, Perosa afirma que:

Saber vestir-se e controlar a exposição do corpo era outra dimensão importante desta socialização escolar. Ao observar as práticas de gestão dos uniformes escolares, nota-se que vestindo-se as meninas expressavam sua posição social, tornavam-se pouco a pouco conscientes dela e construíam progressivamente uma imagem sobre si mesmas. Por meio dessa experiência educativa reforçava-se uma determinada concepção sobre o papel feminino na composição do seu grupo social (PEROSA, 2006, p. 105).

Desta forma, é possível verificar que o uniforme escolar feminino, diferentemente do masculino, citado anteriormente, foi projetado para sugerir que o espaço doméstico, a beleza e a feminilidade são propriedades e competências das mulheres.

É interessante ressaltar ainda que, quando as primeiras escolas passaram a adotar uniformes, além de estes servirem como instrumento de reforço para a diferenciação dos gêneros, acabaram também por conferir *status* aos alunos, pois demonstravam à sociedade parte da filosofia da escola, evidenciando sua boa reputação. Sobre esta afirmação, Silva (2007, p. 77) assinala que “quanto mais urbano era o lugar e mais imponente era o edifício escolar, maior era o rigor quanto ao uso dos uniformes. A roupa dos escolares ajudava a formar uma boa imagem das escolas pela sociedade.”

A partir de 1920, percebe-se que, embora fossem bastante inapropriados do ponto de vista ergonômico, os uniformes escolares eram muito elegantes e refletiam a moda da época. Pode-se observar que, nessa época, enquanto alguns poucos meninos vestiam terno completo, a maioria trajava calças ou bermudas, peças que continuam representando a masculinidade quando usadas pelos homens. A Figura 3 apresenta alunos do Liceu Coração de Jesus uniformizados para passeio: calças e camisas brancas, gravata, paletó escuro e chapéu de palha.

Figura 3: Alunos do Liceu Coração de Jesus, 1910.

Fonte: Lonza (2005)

Já nos anos de 1930, seguindo o exemplo das divisões de classes sociais, os uniformes tornaram-se um pouco mais flexíveis. Os meninos deixaram de lado os paletós dos ternos, mas mantiveram as calças escuras e as camisas brancas, o que demonstrava a força da influência militar do pós-guerra no vestuário. Segundo Lurie (1997), os trajes em estilo “marinheiro”, bastante típicos nos fardamentos escolares da década, não se limitavam ao uso à beira-mar, mas constituíam, praticamente, o padrão da classe média no começo do século XX.

As meninas, nessa época, passam a adotar saias escuras e pregueadas, utilizadas com blusas de manga longa e laços na gola, ou ainda, saias e blusas brancas, mantendo a ideia de que o uniforme era um símbolo de aceitação social. A Figura 4 apresenta alunos do Jardim de Infância do Colégio Caetano de Campos: as meninas com os vestidinhos curtos da época e os meninos com trajes em estilo marinheiro.

Figura 4: Alunos do Jardim de Infância do Colégio Caetano de Campos (1930).

Fonte: Lonza (2005)

Cabe ressaltar que, embora os uniformes escolares dessa década sejam bastante distintos dos fardamentos femininos apresentados e mencionados

anteriormente, algumas características, como babados, laços e algumas aplicações, são permanências que foram se alterando apenas para tentar acompanhar a moda vigente e as mudanças tecnológicas. Esses detalhes eram empregados para expressar a delicadeza e a feminilidade da mulher, com o intuito de criar, em relação a seu corpo, as representações que povoam o universo de homens e mulheres acerca do que é ser bela e feminina.

O modelo de uniforme da década de 1930 foi sendo alterado e adaptado de forma bastante lenta e gradual: o comprimento das calças e das mangas, aos pouco, diminuiu e alguns colégios passaram a dispensar os laços e as gravatas, o que deixou o fardamento mais simples. A ideia do uniforme como símbolo de *status* perseverou, de forma cada vez menos sólida, até meados dos anos de 1950.

Após a instituição das últimas alterações mencionadas, apenas na década de 1960 percebe-se uma transformação mais brusca no segmento dos uniformes, conforme assinala Lonza (2005). Esta mudança foi, em grande parte, decorrente do advento de novos tecidos, como, por exemplo, a helanca, que não amassa, não perde a cor e ainda proporciona um pouco mais de conforto aos alunos. Além disso, nesse mesmo período, o costume das instituições de "fantasiar" o jovem e a criança como um pequeno adulto é minimizado, principalmente, no caso dos uniformes femininos.

Na figura 5, verifica-se que a estética mais juvenil adquirida pelos uniformes tornaram o traje escolar mais coerente com o público, que, nesse período, estava contagiado pelo sucesso do *rock 'n' roll* e de ícones como Marlon Brando e James Dean. No caso específico da moda, a modelo Twiggy, com seus cílios imensos e vestidos curtos, causava forte influência no imaginário das jovens estudantes, que almejavam trajar saias curtas em sinal de liberdade, sem abrir mão da feminilidade.

Figura 5: Uniforme de 1960: os meninos ainda vestiam uniformes mais antiquados para a época, já as meninas mostravam um visual mais próximo da moda vigente.

Fonte: Lonza (2005)

Como ocorre em quase toda a história do fardamento escolar, nesse período, o atraso dos uniformes escolares em relação à moda era amenizado pelos alunos, que buscavam adaptar as peças. Nesse sentido, Lonza (2005, p.172) lembra que “a minissaia, por exemplo, demonstra um intervalo de mais de dez anos entre a invenção de Mary Quant e a aceitação de um comprimento menor nos colégios brasileiros, o que obrigava as alunas a dobrarem cerca de quatro vezes a saia na cintura, no caminho do colégio.”

Enquanto isso, o vestuário masculino, ainda mais antiquado sob o ponto de vista das tendências de moda, apresentava detalhes como golas, gravatas, calças com

pregas e um corte largo e folgado, a fim de caracterizar a masculinidade, sugerindo liberdade de movimento, porém, sem salientar as curvas corporais.

Na década de 1970, em meio à rebeldia típica dos movimentos *punk* e *flower power*, a ditadura militar encarregava-se de vistoriar até mesmo as confecções que produziam estes trajes, a fim de se certificar de que as peças estavam sendo fabricadas conforme determinava o governo. Em contrapartida, apesar da opressão, uma importante inovação foi implantada: próximo ao final da década, alguns colégios passaram a ser mistos e, em decorrência deste fato, nesses estabelecimentos, o uniforme tornou-se unissex.

O fardamento unissex foi adotado a partir da influência da moda que se consolidou quando os mesmos tipos de vestuário passaram a ser usados por ambos os sexos. Naquele momento, a demarcação das fronteiras entre os sexos parecia irrelevante, o que contribuiu para diminuir as separações entre a moda masculina e feminina.

Joaquim e Mesquita (2010) afirmam que, nesse período, as noções fixas de identidade de gênero foram, gradualmente, desaparecendo, e a diversidade de linguagens do vestuário começou a apontar para uma multiplicidade de identidades, o que repercutiu em todos os segmentos do vestuário, inclusive na veste escolar.

Já nos anos de 1980, a moda dos *trainings*, os tão populares agasalhos esportivos, chegou ao uniforme. As escolas deixaram-se envolver pelos conceitos propostos pela geração saúde, assim, a febre da ginástica aeróbica e o surgimento do *stretch* possibilitaram que este estilo esportivo fosse adaptado ao vestuário escolar, e novas peças, nunca antes vistas neste nicho de produto, foram disponibilizadas, tais como: *shorts*, jaquetas esportivas, calças compridas para meninas e calças *jeans*. Esta última foi a grande novidade nos uniformes.

Segundo Lonza (2005), em decorrência dessa nova moda, somente então, as saias, as gravatas e os sapatos sociais saem, de vez, dos armários dos estudantes, como pode ser observado na Figura 6.

Figura 6: A moda dos *trainings* atinge os modelos de uniforme do Liceu Coração de Jesus em 1985, onde já eram ofertadas peças unissex.

Fonte: Lonza (2005)

Desde a década de 1990, pode-se perceber que o uniforme, quando comparado aos das décadas anteriores, assemelha-se muito mais à vestimenta utilizada pelos estudantes quando estão fora do colégio, pois apresenta peças cada vez mais confortáveis e casuais. Assim, o uso dos uniformes torna-se ainda mais indispensável, devido à sua praticidade, à economia e ao fator segurança.

Sabe-se que o uso do uniforme tem como fundamento a busca pela igualdade, que deve ser expressa por meio de uma mesma estética, imposta a todos, com o intento de diminuir ou nivelar as diferenças sociais. Entretanto, ao se observar a história desse segmento da moda, percebe-se uma clara intenção de utilizar, forçadamente, o uniforme escolar como elemento de reforço das identidades de gênero, tal qual ocorria com as demais categorias do vestuário.

Atualmente, escolas públicas e particulares, em geral, oferecem tanto peças infantis unissex, como camisetas, jaquetas, regatas e calças, além de peças diferenciadas, como bermudões masculinos e saias, que podem ser adquiridos e utilizados pelos alunos a partir de sua livre opção, num contexto totalmente diferente do que se apresentava há cinquenta anos, quando meninas e meninos ainda eram separados, obrigatoriamente, pela dicotomia dos gêneros.

Entretanto, apesar da liberdade de escolha, percebe-se que ainda há uma forte distinção entre as figuras uniformizadas de meninos e meninas, uma vez que os alunos, principalmente, as garotas, utilizam-se de artifícios extras para reforçar a diferenciação de gênero. Conforme aponta Beck:

Nessa escola onde desenvolvi a pesquisa, os uniformes das crianças, em especial o das meninas, percorriam a abordagem produtora de uma identidade feminina infantil em construção, já que sugeriam o embelezamento, ou ainda, a *graciosidade* naquelas que iriam usá-lo. Sendo as meninas possuidoras de outros elementos que não apenas as peças do uniforme, incorporavam a abordagem estética e corporal da escola, na medida em que faziam altas composições em suas roupas com seus acessórios pessoais (BECK, 2012, p.8).

Verifica-se, assim, que a liberdade oferecida pelas escolas de hoje e as transformações sofridas pelos uniformes escolares não quebraram, por completo, os paradigmas em relação ao fardamento escolar e ao discurso dos gêneros, uma vez que estes estão embutidos no exercício diário do vestir-se desde o princípio da infância.

Por fim, é possível constatar que, apesar da padronização, esta classe de vestuário busca desenvolver um diálogo tanto com a moda como com a reprodução dos signos de feminilidade e masculinidade constituídos culturalmente.

Considerações finais

O uniforme é um artigo ou segmento do vestuário que se caracteriza por ser um traje comum a toda uma categoria, como a dos militares, dos estudantes e de alguns profissionais, assim, ele é empregado com o objetivo de padronizar e distinguir tais grupos, servindo como símbolo de identificação social. Desta forma, entende-se que, ao se uniformizar um indivíduo, busca-se ressaltar sua participação na coletividade e não

ênfatizar sua individualidade, o que, no caso dos uniformes infantis, normalmente, inclui o gênero.

Percebe-se que, no momento de seu surgimento, o uniforme escolar apresentava características bem diferentes das encontradas atualmente: enquanto as meninas vestiam peças que buscavam ênfatizar sua feminilidade e demonstrar o padrão de mulher que se desejava formar, os meninos usavam um vestuário escolar no qual estavam embutidas ideias de virilidade e coragem, que se traduziam por meio de ternos completos e de fardamentos de guerra.

Ao se realizar uma análise sobre a evolução dos uniformes escolares ao longo do tempo, fica evidente que, embora alguns autores os considerem uma antimoda, pois ênfatizam a continuidade e a rejeição ao efêmero, como as demais peças da indumentária, tal vestimenta vem se adequando aos costumes, às tradições e à realidade do momento, por meio de novas configurações. Nota-se, portanto, que, embora suas transformações ocorram em um processo bem mais lento, determinados fardamentos escolares também podem ser apreendidos como um reflexo da sociedade, assim como acontece com a moda.

Atualmente, são disponibilizadas peças de uniforme que buscam satisfazer todo tipo de anseio, ou seja, há trajes unissex e os exclusivamente femininos ou masculinos, sendo este, então, o ponto de maior divergência em comparação há algumas décadas anteriores: a possibilidade de escolha.

Desse modo, os uniformes escolares conseguem, de forma mais harmônica, manter a categorização das crianças como representação de um grupo tido como coeso, onde todos têm o mesmo tipo de deveres e direitos a serem assegurados. Atualmente, os uniformes utilizados nas escolas não apresentam uma grande preocupação em relação à configuração da diferenciação de gêneros, entretanto, isto não significa que a distinção não suceda, pois esta pode ocorrer por iniciativa dos próprios estudantes, que buscam, mesmo que de modo inconsciente, diferenciar-se por meio do vestuário escolar.

Ao se analisar a evolução do vestuário escolar sob este prisma, verifica-se que a partir do momento em que o uniforme deixa de identificar, claramente, os gêneros, os próprios alunos passam a adotar, na medida em que são autorizados pela escola, ferramentas de diferenciação. Assim, os estudantes valem-se de subterfúgios disponíveis, como o uso de artigos pessoais, customizações discretas e arranjos não permanentes (dobras, amarrações, entre outros), para driblar a normativa da escola sobre o fardamento.

Por fim, pode-se concluir ainda que a moda contribuiu para a redefinição das identidades sociais e desfigurou algumas das fronteiras simbólicas entre o masculino e o feminino, constituindo-se, desse modo, motor e reflexo das mudanças ocorridas nos uniformes escolares ao longo dos tempos.

Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARNARD, Malcolm. *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARROS, Simone; NEVES, André M.; SÓTER, Clarissa Menezes. Design de Produto com valor de Moda. In: 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2008, São Paulo. *Anais...* . São Paulo: AEND|Brasil, 2008.

BECK, Dinah Quesada. *Com que roupa eu vou? Consumo e erotização nos uniformes escolares infantis*. In: Anped Sul, 2012. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul, 2012.

CALDAS, Dario. *Universo da Moda*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999.

CRAIK, Jennifer. A política cultural do uniforme. *Fashion Theory: a revista de moda, corpo e cultura*, v. 2, n. 2, p.5-26, jun. 2003.

DUTRA, José Luiz. *Onde você comprou esta roupa tem para homem?: A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda*. In: Golsenberg, Miriam (org) *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Rio de Janeiro: Record, 2002.

ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

JOAQUIM, Juliana Teixeira; MESQUITA, Cristiane. Rupturas do vestir: articulações entre a moda e feminismo. *Revista DAPesquisa – Revista do Centro de Artes da UDESC*, n.8, 2010.

LONZA, Furio. *História do Uniforme Escolar no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Crhodia, 2005.

- LOURO, Guacira Lopes. *Nas redes do conceito de gênero*. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D.E.; WALDOW, V.R. (Orgs.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MARQUES, Alice. *Mulheres de Papel: Representações do corpo nas revistas femininas, A mulher e a Sociedade*, Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- PEROSA, Graziela Serroni. *A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas*. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 26, p. 87-111, 2006.
- SILVA, Katiene Nogueira da. *"Criança calçada, criança sadia!": sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo - Usp, São Paulo, 2007.
- SILVA, Solange. *Vestuário: comunicação e cultura*. In: Revista do programa de pós-graduação da faculdade Cásper Líbero. 2001, vol.4, n.7. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/3891>>. Acesso em: 02 nov. 2011.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, 20 (2), 71-99. 1995.
- TEÓFILO, Ana Patrícia Correia. *Com que linhas se cose o gênero: a importância do vestuário infantil na construção do gênero*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2010.